



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Todorov, João Claudio; Moreira, Maísa
Análise Experimental do Comportamento e Sociedade: Um Novo Foco de Estudo
Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 17, núm. 1, 2004, pp. 25-29
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18817105>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Análise Experimental do Comportamento e Sociedade: Um Novo Campo de Investigação

João Claudio Todorov¹

Universidade Católica de Goiás

Máisa Moreira

Universidade de Brasília

Resumo

O estudo do comportamento em sociedades foi relegado por quase 50 anos, apesar das reiteradas propostas para sua importância. No ano de 1980, Sigrid Glenn criou o conceito de metacontingência que contribuiu para a ferramenta para a descrição e análise do comportamento social. Neste artigo são apresentados alguns aspectos da metacontingência e discute-se o papel do analista do comportamento no desenvolvimento de temas sociais, incluindo análise e modificação de práticas culturais.

Palavras-chave: Análise do comportamento; metacontingências; práticas culturais; sociedades; seleção por consequências.

Experimental Analysis of Behavior and Society: A New Field of Investigation

Abstract

Although there are many citations where Skinner writes about the importance of the study of cultural practices, these studies were forgotten for almost fifty years. Working in this plan Sigrid Glenn has developed the concept of metacontingency, a great contribution as a tool in the description and analysis of social behavior. Some aspects of metacontingency are presented in this paper and the behavior analyst's function in social issues is discussed, including analysis and modification of cultural practices.

Keywords: Behavior analysis; cultural practices; metacontingencies; society; selection by consequences.

Tragédias como a ocorrida em 11 de setembro de 2001, nos Estados Unidos, que resultou na morte de mais de 3000 pessoas e em posterior ataque dos Estados Unidos ao Afeganistão (entre milhares de outras tragédias que ocorrem todos os dias em nossos países, incluindo a atual invasão do Iraque) nos lembram que várias das nossas práticas culturais trazem prejuízos às vidas de todos. Apesar dos grandes progressos técnicos e científicos, não há suficiente preocupação sobre o gasto dos recursos naturais ou com a excessiva poluição das águas e do ar, e menos ainda mecanismos de controle do uso da violência, seja por pessoas, por organizações ou por países. Estas preocupações têm sido temas das ciências sociais, e com poucas exceções, a análise do comportamento não as tem abordado, apesar de ser uma ciência social que, por definição, deve abordar tais questões.

1955b, 1956, 1957, 1961, 1964, 1978) têm em sua compreensão (Michael, 1980; Todorov, 1982) e princípios do comportamento epistemológica consistente e humano. O maior componente na extensão de princípios compreende processos sociais e culturais. Em “O Comportamento Humano” Skinner (1953) dedicou um capítulo inteiro a discutir extensivamente assuntos de sobrevivência, valores e planejamento.

Nesse sentido, a visão de mundo de uma ciência do comportamento que descrevem as relações de causa e efeito entre as variáveis

como instrumento a contingência tríplice (Skinner, 1953; Souza, 1999; Todorov, 1985) pode não significar êxito total pois corremos o risco de reduzir a análise a um ponto que não mostra como se deu a evolução e a manutenção da prática em estudo. O nível comportamental da análise científica considera o organismo a base a partir da qual as relações funcionais entre o comportamento e os eventos ambientais são experimentalmente examinados (Glenn, 1988). Já na análise cultural o comportamento do indivíduo é a base a partir da qual práticas culturais emergem e o estudo das relações funcionais ocorre em outro nível.

Seleção em nível comportamental e seleção em nível cultural podem ser facilmente confundidos pois os dois envolvem relações entre eventos comportamentais e resultam em mudanças no ambiente. Consequências culturais, no entanto, não selecionam comportamentos individuais, selecionam relações entre contingências comportamentais, compreendendo as práticas culturais. O comportamento de um indivíduo específico tem pouco efeito nas consequências culturais.

Metacontingências

Para estudos do comportamento humano em nível social, uma importante unidade de análise usada é a metacontingência. Esta é uma unidade que descreve as relações funcionais entre classes de operantes, cada classe associada a uma contingência tríplice diferente, e uma consequência comum a longo prazo, comum a todos os operantes na metacontingência. Os comportamentos operantes dos membros do grupo formam um conjunto de ações coordenadas, geralmente chamado de prática cultural, que se relaciona a um ambiente comum aos membros. Práticas culturais envolvem o comportamento operante de grupos de pessoas que compõem a sociedade.

Metacontingências são relações contingentes entre práticas culturais e suas consequências. São relações funcionais em nível de análise cultural, cuja existência deriva mas não é equivalente a contingências comportamentais (Glenn, 1988).

essas consequências que ligam as ações de diferentes pessoas e que podem ser controladas da sociedade como, por exemplo, a Constituição (1987). Uma metacontingência existe se existir, por exemplo, uma regra social que for uma prática cultural de um grupo determinado. As consequências desta prática, para o grupo, devem ser consequências que possam ser antecedentes puderem ser identificados (Glenn, 1988). No estudo das contingências sociais usando a abordagem da metacontingência, há uma distinção entre a metacontingência (relações de contingências entre classes de respostas) e a consequência comum (relações de contingência entre uma classe de respostas e uma consequência comum) e a metacontingência cultural (relações de contingência entre uma classe de respostas e uma consequência cultural e comum a longo prazo).

No processo cultural existem metacontingências cerimoniais e tecnológicas, segundo Glenn (1988). A Igreja e o Estado usam as metacontingências cerimoniais para garantir a manutenção do status quo social. O controle cerimonial não é necessariamente dirigido ao indivíduo e à sociedade, mas é insensível ao progresso de inovações de mudanças sociais considerando que a cultura é hereditária (Glenn, 1987). O controle cerimonial pode ser afirmativo ou negativo. Um exemplo de controle cerimonial afirmativo: "Faça isso porque eu disse!" (Glenn, 1988). O controle, apesar de garantir a ordem pelas instituições, como a Igreja e o Estado, não incentiva a experimentação e a inovação, nem os comportamentos às mudanças sociais.

As metacontingências tecnológicas promovem a determinação de regras específicas, que geram consequências imediatas para a observância e a avaliação dessas regras e das consequências (Glenn, 1988). O controle tecnológico pode ser afirmativo ou negativo. Um exemplo de controle tecnológico afirmativo: Faça isso porque resultará numa melhoria das condições sanitárias e consequentemente na saúde (Glenn, 1986). Porém, mesmo as tecnologias afirmativas, após mudanças culturais podem se tornar metacontingências cerimoniais, que geram a evolução cultural. Por isso a avaliação das tecnologias deve ser um processo contínuo.

A idéia de planejamento cultural (Skinner, 1953) vai ao encontro das metacontingências tecnológicas, no sentido de procurar sempre estabelecer situações sociais deliberadas e que sigam também uma evolução cultural, acompanhando as mudanças que o ambiente sofre. As práticas culturais devem sofrer uma seleção natural para que continuem funcionais. A disfuncionalidade das práticas culturais, devido à inobservância das mesmas, pode ser constatada atualmente na questão das regras e da estrutura da família. A estrutura não é mais a mesma, pois o ambiente mudou. Não há mais lugar para a família patriarcal nesses dias em que o capitalismo demanda o poder aquisitivo e impulsiona os indivíduos ao consumismo. A família teve que se adequar a esta necessidade criada, transformando seus membros em força de trabalho ativa.

Concluindo, entendemos que o conceito de metacontingência amplia o campo de estudo da análise do comportamento. Ele resgata a preocupação de Skinner sobre planejamento cultural, já muito discutida em “Ciência e Comportamento Humano”. O desenvolvimento do conceito de metacontingência mostra a importância da realização da pesquisa básica, mas enfatiza o valor dos resultados desta pesquisa no estudo social.

Estudos sobre Metacontingências

Todorov analisou a Constituição do Brasil sob o ponto de vista do conceito de metacontingência (Todorov, 1987). A Constituição de qualquer país traz, bem ou mal formuladas, metacontingências ceremoniais e tecnológicas. A Constituição outorgada pela Junta Militar em 1969 tem metacontingências relacionadas principalmente ao processo cultural ceremonial. Mas mesmo a Constituição de 1969 prevê a possibilidade de metacontingências relacionadas ao processo cultural tecnológico, ao prever emendas desde que aprovadas por dois terços do congresso.

Todorov (1987) se preocupou com o momento de revisão da Constituição de 1988 e considerou várias reflexões sobre as metacontingências cerimoniais e tecnológicas da

educação é um direito de todos
não apontam os caminhos para a

Lamal e Greenspoon metacontingência que controla a dos membros do Congresso das reeleição. Há um paradoxo entre apesar de serem consistentemente mostram que os eleitores que votaram por eles. Os padrões de votação podem, em muitas vezes, ser acusados de seu comportamento de votar negativamente reforçado por interesses especiais) que pagam que votem em causas que são favoráveis a esses interesses. Assim, não é surpreendente que as leis sejam consistentes com os interesses organizados.

O controle de grupos organizados de deputados e senadores é relacionado ao financiamento das campanhas. O controle crescido cada vez mais nos últimos anos é resultado da proliferação dos comitês políticos que têm efeito na contribuição das campanhas. Os candidatos (pela boa propaganda) e os organizados são sem dúvida os principais beneficiários. Algumas vezes os comitês podem ser operações estabelecidas para obter vantagens. Semelhantes aos comitês de ação, os comitês de lobby nos EUA têm adquirido grande influência sobre os deputados e senadores porque controlam a distribuição do dinheiro, especialmente para a campanha, e porque estão freqüentemente ligados a comitês de ação política.

Um estudioso do Congresso categorias de comportamento de deputados e senadores: fazem protestos, tomam posições. Fazer propaganda é parte tornar reconhecido popularmente.

constituintes, o qual chega ao conhecimento dos eleitores pela repercussão na imprensa.

A partir desta análise Lamal e Greenspoon (1992) percebem um fenômeno transcultural que serve de estrutura para a análise do comportamento de sociedades e práticas culturais. Um dos fenômenos é o estabelecimento e a manutenção de contingências que favorecem indivíduos ou grupos mas entram em conflito com o bem-estar da cultura. É o poder do reforçamento imediato do comportamento dos deputados e senadores que tem efeitos desastrosos para a sociedade a longo prazo, efeitos geralmente ignorados pela maioria do eleitorado.

A propaganda da campanha política do Presidente George Bush (pai do atual Presidente George W. Bush) alterou, para Laitinen e Rakos (1997), o controle da cadeia de comportamentos dos cidadãos que era controlada por reforçamento negativo passando a ser controlada por reforçamento positivo. Operações estabelecedoras (Michael, 1982, 1983, 2000) foram manipuladas para tornar o Iraque e Hussein estímulos aversivos e regras introduziram contingências aversivas: agressões espontâneas devem ser feitas contra eles para preservar a liberdade e a equidade. Isto estimulou uma concordância consensual “para fazer algo”. Este “algo” passou para a história como a Guerra do Golfo. A solidariedade patriótica foi reforçada pelo reconhecimento de que ações não militares desempenhavam um papel importante contra o perigo. Contudo, concorrentemente, o estímulo aversivo da organização e preparação de tropas para o combate foi introduzido muito gradativamente para evitar respostas discordantes ou de esquiva da população. Posteriormente a organização das tropas militares cresceu imensamente mas sempre acompanhada por estimulação positiva como se esta ação fosse parte de esforços diplomáticos ou de aliança de vários países. Quando a guerra começou, a ação militar era um estímulo positivo e a guerra tinha como consequência reforçamento positivo e não negativo. Reforçamento positivo era assegurado ao não divulgar as consequências negativas

Conclusão

Estes estudos sobre metacontingência são uma pequena amostra do trabalho que os comportamentos começam a fazer em suas vidas. Estes trabalhos são importantes, mas é um campo que está apenas começando. Ainda são apenas os primeiros passos e só com o aperfeiçoamento destes podemos obter resultados mais relevantes, aproveitando a riqueza oferecida por verdadeiros experimentos de campo. Lembrando Charles Darwin, “o que não pode ser controlado não terão sucesso se o fenômeno não for adequadamente descrito”. O que é necessário é um novo instrumento para o estudo é a metacontingência. A volta do Iraque ao centro do interesse dos Estados Unidos não deixa de ser uma oportunidade para conferir a análise funcional efetuada por Rakos (1997).

Referências

- Glenn, S. S. (1986). Metacontingencies in Walden Two. *The Behavior Analyst*, 5, 2-8.
- Glenn, S. S. (1988). Contingencies and metacontingencies: behavior analysis and cultural materialism. *The Behavior Analyst*, 11, 1-17.
- Glenn, S. S. (1991). Contingencies and metacontingencies: behavioral, cultural, and biological evolution. Em P. A. Malagodi (Ed.), *Contingencies and metacontingencies: analysis of societies and cultural practices* (pp. 39-73). Washington, DC: American Psychological Association.
- Lamal, P. A. & Greenspoon, J. (1992). Congressional members' social issues. *Journal of Social Issues*, 2, 71-81.
- Malagodi, E. F. (1986). On radicalizing behaviorism: A critique. *The Behavior Analyst*, 9, 1-17.
- Michael, J. (1980). Flight from behavior analysis. *The Behavior Analyst*, 3, 1-17.
- Michael, J. (1982). Distinguishing between discriminative functions of stimuli. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 37, 155.
- Michael, J. (1983). Establishing operations. *The Behavior Analyst*, 6, 1-17.
- Michael, J. (2000). Implications and refinements of the concept. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 33, 401-412.
- Skinner, B. F. (1953). *Science and human behavior*. New York: McGraw-Hill.
- Skinner, B. F. (1955a). The control of human behavior. *Technology Review*, 57, 10-15.
- Academy of Science, 17, 547-551.

- Skinner, B. F. (1972). *Cumulative record* (3rd ed.). New York: Appleton-Century-Crofts.
- Skinner, B. F. (1974). *About behaviorism*. New York: Alfred Knopf.
- Skinner, B. F. (1978). *Reflections on behaviorism and society*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.
- Souza, D. G. (1999). O que é contingência? Em R. A. Banaco (Org), *Sobre comportamento e cognição: Aspectos teóricos, metodológicos e de formação em Análise do Comportamento e Terapia Cognitivista* (pp. 82-87). Santo André, SP: Arbytes.
- Todorov, J. C. (1982). Behaviorismo e análise experimental do comportamento. *Cadernos de Análise do Comportamento*, 3, 10-23.

Todorov, J. C. (1985). O conceito de contingência no behaviorismo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 1, 11-18.

Todorov, J. C. (1987). A constituição como processo de socialização. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 3, 9-13.

Veblen, T. (1899/1965). *A teoria da classe ociosa*. Rio de Janeiro: Zahar.

Sobre os autores

João Cláudio Todorov é Professor Titular da Universidade Católica de Goiás. É Professor Aposentado e Pesquisador Associado da Universidade de Brasília.
Maísa Moreira é aluna de graduação da Universidade de Brasília.



**Sociedade
Brasileira
de Psicologia
do Desenvolvimento**

A SBPD é uma entidade de âmbito nacional, de caráter científico, que visa à divulgação e ao aprimoramento da Psicologia do Desenvolvimento, congregando psicólogos, pesquisadores, professores e estudantes de psicologia e áreas afins.

Diretoria 2002/2004

Presidente: Antonio Roazzi (UFPE)

Vice-presidente: Ana Cecília de Sousa Bastos (UFBA)

Primeira Secretária: Débora Dalbosco Dell'Aglio (UFRGS)

Segunda Secretária: Lidia Natalia Dobrianskyj Weber (UFPR)

Tesoureira: Lucia Rabello de Castro (UFRJ)

Associe-se à SBPD e você receberá os exemplares de 2004 da revista:

